



VIII CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

40 anos de democracias: progressos, contradições e prospetivas

ÁREA TEMÁTICA: Arte, Cultura e Comunicação [ST]

PÚBLICOS E ARTISTAS EM MUSEUS: AUTORES, LEITORES E/OU ATORES NAS REDES SOCIAIS DA WEB 2.0/WEB 3.0?

ANDRADE, Pedro

Doutorado em Sociologia da Cultura,

Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais, Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade

pjoandrade@gmail.com

Resumo

Nos museus de arte, ocorre hoje um diálogo conflituoso entre o autor da obra de arte e um dos seus 'leitores', o público desse espaço cultural. De acordo com Barthes e Foucault, a co-autoria de qualquer obra cultural deve ser estendida aos leitores. No fundo, a co-autoria redefine-se nos atores sociais que, não apenas o autor de uma obra mas também o seu leitor, nunca deixam de ser.

E, a partir de Howard Becker e do seu conceito de 'mundos da arte', é possível entender como os visitantes de um museu adquirem percepções díspares dos 'constrangimentos' reproduzidos pelo espaço museal, e os subvertem através da crítica das obras e do papel de alguns dos seus 'gatekeepers', como o artista e o crítico de arte.

Este texto problematiza tais subversões em alguns dos territórios da sociedade em rede, como a Web 2.0 e a Web 3.0, através da discussão sobre as seguintes questões, para além da tricotomia entre o autor, o leitor e o ator: a tricotomia 'autoria/autoridade/autoritarismo'; a vigilância e a anti-vigilância; 3 hibridações no seio de 3 tipos de redes sociais; as configurações recentes da autoria, como os autores híbrido e cíbrido; as novas metodologias circulantes e partilhadas nas redes sociais.

Abstract

Within art museums, a conflicting dialogue occurs between the author of an art work and one of its 'readers', the public of this cultural space. According to Barthes and Foucault, the co-authorship of any cultural work should be extended to readers. After all, co-authorship redefines itself within not just the abstract author of an art work and its reader, but as well within their nature of concrete social actors.

And departing from Howard Becker and his concept of 'art worlds', it is possible to understand how visitors of a museum acquire disparate perceptions of 'constraints' reproduced by the museum space, and subvert them through the critique on art works and on the role of some of their 'gatekeepers', such as the artist and the art critic.

This text problematizes such subversions in some of the territories of the network society, such as Web 2.0 and Web 3.0, by discussing the following questions, in addition to the trichotomy among the author, the reader and the actor: the trichotomy 'authorship / authority / authoritarianism'; surveillance and anti-surveillance; 3 hybridizations within 3 types of social networks; recent configurations in authoring, such as the hybrid and cybrid authors; social methodologies circulating and shared within social networks.

Palavras-chave: autoria; vigilância; hibridação; redes sociais; metodologias sociais em hibrimédia

Keywords: authorship; surveillance; hybridization; social networks; methodology in hybrimedia

COM0857

Introdução: autores, leitores e/ou atores?

No processo comunicativo da **produção / mediação / recepção de uma obra de arte no museu**, os seus autores articulam-se incessantemente com a condição de leitores: seja leitores da sua própria obra, seja da obra de outros artistas, presentes nesse espaço cultural ou relacionados de alguma forma àqueles primeiros autores (a mesma escola ou estilo, etc.). Mas os artistas também se confrontam com a sua natureza de atores / agentes da vida quotidiana ocorrida no museu. Aí, estes autores inscrevem-se em processos de **cidadania cultural**, que aliás se associa à cidadania política.

Numa tal dialética de cidadanias, o autor de arte é, afinal, aquele ator social que, através de sua escrita plástica, conquistou alguma **autoridade**. Mas o autor pode ser igualmente aquele ator que, em situações onde existe um défice de cidadania política ou cultural, por vezes resvala no **autoritarismo**. Daí que este jogo sócio-cultural entre ‘autor’, ‘autoridade’ e ‘autoritarismo’ revele-se como uma **tricotomia**, ou seja, uma rede socio-conceptual constituída por três ideias articuladas entre si. Por outras palavras, estes 3 termos delineam, portanto, as três faces (e já não apenas duas) da moeda daquilo que é possível nomear a **autoria**, isto é, o conjunto das múltiplas condições sociais do autor.

Nesta perspectiva, o público leitor da obra de arte também pode elevar-se ao estatuto de ‘autor’, através da leitura e posterior reescrita de uma obra de arte, onde ele e o autor seminal comunicam através das suas condições de atores sócio-culturais, no seio dos vários territórios da vida quotidiana onde ambos pertencem ou viajam.

1. A sociedade em rede nas redes sociais da Web 2.0 /Web 3.0

Um desses lugares de embate e de debate é a **Web 2.0**. Este ciberespaço de segunda geração permite, através das redes sociais, a **vigilância** dos autores e dos leitores, mas onde também é possível construir **anti-vigilâncias**. Tais alternativas ocorrem por meio de múltiplas traduções da ‘autoria’ (o dispositivo sócio-cultural do autor) e da ‘lectoria’ ou ‘leitoria’ (o sistema sócio-simbólico do leitor) em ‘actorias’ (os lugares da crítica discursiva por parte dos atores sociais comuns).

Senão vejamos: nas nossas sociedades e culturas em rede (Castells, 2012), é preciso reaprender a ler e a escrever social e sociologicamente, entre outras estratégias usando as diversas hibridações que nelas circulam. De fato, a conjuntura atual revela-se extremamente complexa, onde a hibridação e não a unicidade constitui um dos seus traços centrais. Em particular, nas sociedades em rede ocorrem, entre outros, 3 tipos de hibridação:

A. A **hibridação de media**, por ex. o papel e o digital. Mais exactamente, trata-se da miscenização entre, de um lado, os modos de leitura/escrita digitais e, de outro lado, os regimes de literacia próprios do livro em papel.

B. Simultaneamente, assistimos à **hibridação do autor com o leitor da obra**.

C. Todavia, ainda mais profundamente, ocorre uma 3ª hibridação, entre o **autor (e o leitor) com os actores sócio-culturais** que ambos representam ou com os quais comunicam. Ou seja: o leitor nunca foi nem é apenas uma peça do processo comunicativo abstracto da ‘escrita/leitura’. Pelo contrário, quando lê, o leitor insere-se na sua vida diária quotidiana e cultural e, cada vez mais, enquanto actor e agente em redes sociais.

Primeiro, o autor e o leitor incluíam-se nas **redes sociais pré-modernas**, forjadas na interacção das cidades da Antiguidade e do mundo medieval.

Segundo, esses dois agentes complementares circularam nas **redes sociais modernas** das grandes metrópoles (Simmel, 1964), entre os séculos XVI e XX.

Finalmente, autor e leitor desconstruíram e reconstruíram as **redes pós-modernas ou da modernidade avançada**, que proliferam hoje nas megalópolis globais e em todo o planeta. Por um lado, este processo sucede na Web 2.0 (ou Web Social) da primeira década do século XXI (por ex., nas redes sociais digitais como o *Facebook*), onde o utilizador (leitor), para além de ler informação, também a escreve (enquanto

autor). Neste segundo decénio do 3º milénio, as redes sociais digitais reformulam-se nas ‘**redes semântico-lógicas**’, mais conotadas com a **Web 3.0 (ou Web Social-Semântica)**. Nestas, não só se comenta, critica ou partilha a informação, mas também se explica e interpreta o seu significado mais profundo, semântico e lógico. Assim sendo, a informação transforma-se, de maneira mais profunda, em verdadeiro conhecimento coletivo (Andrade, 2011a).

Recentemente, numa tal sociedade em rede, todas estas redes sociais, físicas ou virtuais, adquiriram uma importância crescente, também para o leitor. De um modo algo semelhante, o próprio autor também age como um actor ou sujeito social nos diversos tipos de redes sociais.

Assim sendo, torna-se cada vez mais importante desenvolver este diálogo entre autores, leitores e actores, diariamente, no processo de escrita e leitura não somente de uma obra de arte, mas igualmente de um livro ou de qualquer outra fonte de informação, por exemplo através de comentários informativos, analítico ou críticos, juízos ou avaliações, em *e-mails* ou em sites/blogues produzidos e mantidos por autores e por leitores múltiplos.

Sinteticamente: a **autoria** entende-se como o processo sócio-cultural de produção de uma obra e do seu autor.

A **lectoria** (ou leitoria) é o regime de recepção de uma obra, no quadro da articulação entre o autor e o leitor.

Por seu turno, a **actoria**, consiste no dispositivo sócio-discursivo de diálogo entre o autor e o leitor, contextualizados nas suas actividades enquanto actores sociais, em comunicação com todos os agentes sociais do nosso mundo globalizado.

2. O autor híbrido/cíbrido e a Sociologia das visibilidades.

Nesta perspectiva, debruçar-nos-emos aqui brevemente sobre um tipo de autor específico da contemporaneidade: o autor híbrido/ cíbrido. Em primeiro lugar, o **autor híbrido** entende-se como um sujeito cultural e discursivo que exerce um modo de autoria não especializada num dado modo de saber, mas que se funda na hibridação das naturezas de diversos modos de escrita: científica, literária, artística ou outra.

A este propósito, Artur Matuck defende o seguinte: “A descodificação dessa realidade híbrida requer uma percepção aberta e apurada e só se faz possível mediante a reformulação de estruturas fundamentais que informam o ser humano, a cultura, a história, o planeta, as identidades, a criação científica e a própria linguagem.” (Matuck, 2009: 293).

Em segundo lugar, o **autor cíbrido** inaugura-se na articulação do autor híbrido com o ciberespaço, entre outras características desta figura de autoria (Anders, 2001).

Por outras palavras, a miscenização de diversas naturezas da escrita surge antes do advento do ciberespaço, mas a Internet promove formas de hibridação escritural nunca dantes vistas, como o hipertexto ou outras.

Assim sendo, é preciso traçar uma genealogia desses regimes de autoria em diferentes *epistémès*, ou seja, os modos de pensar de uma época, e no quadro dos vários discursos, isto é, os modos de falar de uma instituição.

Neste texto, darei alguns exemplos de **figuras recentes de autoria**, e no seio de um fenómeno que condiciona exemplarmente o autor e o leitor: as visibilidades sócio-culturais e as vigilâncias exercidas pelos diferentes poderes. Talvez esta reflexão possa ser útil, mesmo se parcialmente, para a definição dos direitos do autor na sua complexidade.

Na cena contemporânea, sobressaem, de um lado os regimes de visibilidades sócio-culturais, em particular os modos de interactividade exercidas de forma visual, e, de outro lado mas em complemento, algumas vigilâncias discursivas sobre os autores e leitores, em termos das mais recentes formas de panoptismo.

Uma tal reflexão insere-se num projecto anterior que o autor deste texto desenvolve há anos, a proposta de uma **Sociologia das Visibilidades**, essencialmente a partir de Georg Simmel (1981).

Este pensador sugeriu, como sabemos, uma Sociologia das Sensações e das percepções, entre outras intuições avançadas no âmbito de uma precoce ‘epistemologia’ algo pós-moderna, forjada no próprio umbigo da modernidade.

Nessa perspectiva, produzi diversos ensaios acerca das visibilidades sociais (1995, 1997a), ou sobre a sociologia do olhar (Andrade, sob o pseudónimo de André Nietsnie, 1997d). Neste último artigo, inspirado num texto de Annie Sauvageot que esclarece as relações entre o olhar e a sociedade (1994), foi sugerido um estilo de linguagem que nomeámos ‘**Banda Escrita**’. Nela, os ‘quadrinhos’ enchem-se não de imagens, mas de palavras. Recentemente, um ‘**Livro Experimental**’ (Andrade, 2011b) constitui, de algum modo, uma versão atual deste estilo de escrever que é a Banda Escrita. Nele, desconstrói-se e hibridiza-se um Power Point digital, traduzindo-o para uma escrita em papel, na qual 2 linhas de montagem paralela da escrita se insinuam e se confrontam: uma, mais visual e sintética, na forma de slides; outras, mais textual e pormenorizada. Uma tal **escrita dupla** introduz a correspondente **leitura dupla**.

Outros ensaios sobre esta temática das visibilidades sociais encontram-se no *dossier* ‘Voir: les vues, les vies, la ville’ (In revista Atalaia (1), 1995, pp. 59-114). Reúnem-se aí escritos acerca das seguintes faces do visível: Marc Ferro, ‘Les points de vue de l’ Histoire’; José Augusto França, ‘Les visions de la ville’; Pedro Andrade, ‘Les dimensions sociales du visible’; Avigdor Arikha, ‘L’ oeil de lesthète’; José Maria Carvalho Ferreira, ‘Les angles et les marges de la ville’; Rui Zink, ‘La vue à l’ envers’; e Christian Merer, ‘La ville visionnaire’.

Adjacentemente, poderão revelar-se úteis outros estudos no quadro da sociologia da perceptibilidade e da sensibilidade, como as taticidades sociais (Andrade, 1994), as sonoridades sociais (Idem, 1993), ou vários escritos sobre o gosto alimentar e estético, relação que Bourdieu estabelecera (1979), etc.

3. Inéditas hibridações entre autores, leitores e atores?

Por forma a entender a hibridação entre a autoria (ou regime de produção da obra), a leitura (ou processo de recepção da obra) e a actoria (figura de actuação e agência sócio-cultural), que novas figuras da sua articulação e hibridação presenciamos na contemporaneidade, ou em especial no presente voltado para o futuro, aquilo que nomeámos ‘presente-presente’?

Mais especificamente:

- A. As novas autorias significam uma maior disseminação da **escrita comum**?
- B. As inéditas leituras vão no sentido das **literacias híbridas**?
- C. As actorias nunca dantes vistas fundar-se-ão ou fundir-se-ão nas **antivigilâncias** e nos **contrapanóptismos**?

As respostas possíveis a estas questões só serão descortinadas e desveladas pela colaboração e participação dos amantes e amadores dos *media* clássicos e pós-clássicos, no sentido da sua desconstrução e reconstrução em figuras inéditas, como os transmedia e os **hibrimedia**. O hibrimédia é um medium de fusão que adquire uma natureza diferente dos anteriores media que hibridiza.

Por outras palavras, encontramos-nos na encruzilhada de uma dialética singular, aquela que opõe as opções da imposição e da exposição.

Isto é, em vez da imposição da normatividade cultural pelos diferentes poderes, é preciso implementar a exposição não só de novas obras, mas de novos estilos de fazer obras e mesmo de reinventar os próprios *new media*, as suas linguagens e os respectivos regimes de comunicação.

Nesta perspectiva de um experimentalismo do saber e das metodologias do conhecimento, eis 2 exemplos de investigação sociológica:

- a. Um **Questionário Interactivo Multitouch** (*Multitouch*). Esta abordagem foi desenvolvida em 2010, e constitui o primeiro questionário sociológico multimédia realizado em Portugal, activado através do toque por um público amplo. No âmbito do projecto “Comunicação Pública da Arte”, coordenado pelo autor e

financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, um inquérito por questionário foi apresentado ao público na exposição ‘Sem Rede’ da artista Joana Vasconcelos, que teve lugar no Museu Coleção Berardo desde 1 de Março até 18 de Maio de 2010. O questionário, desenvolvido pela equipa sociológica do projecto, foi accionado numa mesa multimédia interactiva multitoque ligada a um *web site*, construídos para este efeito pela equipa multimédia do projecto, coordenada por Nuno Correia, professor e investigador da Faculdade de Ciência e Tecnologia da UNL, e um dos fundadores da empresa de multimédia *YDreams*. Já em Junho de 1995, o autor deste texto tinha construído um ‘**ciberquestionário**’ na *web page* da Associação Atalaia, residente no servidor PUUG, da UNL. Esta iniciativa foi reconhecida pela revista *cyber.net* em Setembro de 1995 como a primeira página da Internet sugerindo um projecto cultural explícito em Portugal.

b. O ‘**Jogo das Tricotomias**’, igualmente disponível na mesa multimédia acima referida. Neste jogo, os visitantes de um museu ou galeria de arte escolhem três obras de um artista, de alguma forma interligadas entre si, por forma a compreender melhor o significado sócio-cultural que as obras de arte encerram, na relação entre o seu processo de produção pelo artista e o seu contexto de recepção pelo público. Por outras palavras, o mundo da arte estabelece, entre os seus criadores, mediadores e fruidores, múltiplas redes sociais semântico-lógicas. Estes projectos experimentais encontram-se explanados com mais pormenor em Andrade, 2011a e 2011c.

Conclusão

Por tudo o que precede, cremos que nos encontramos hoje no dealbar de uma paisagem social em parte inédita. Autorias, leitorias e actorias constituem alguns dos principais pilares de uma emergente configuração comunicativa, de poder e sócio-semântica, definida pela intervenção e participação mais activa das pessoas ordinárias na vida quotidiana de cidadania, em termos de anti-vigilâncias, escritas comuns e literacias híbridas, entre outros fenómenos centrais da contemporaneidade.

Em suma, as nossas **sociedades do jornalismo e da investigação** (Idem, 2011a), interculturais e híbridas, não apenas leem mas escrevem coletivamente, e não só informação mas igualmente conhecimento. Ao fazê-lo, produzem incomensuráveis auto-biografias da contemporaneidade, uma das quais é a ficção / fixação que sustenta o pensamento atual, erudito e especializado mas também leigo e ordinariamente comum.

Referências Bibliográficas

- Anders, Peter. “Towards an Architecture of the Mind.” *CAIIA-STAR Symposium: 'Extreme Parameters. New dimensions of Interactivity'* (11-12 July 2001).
<http://www.uoc.edu/artnodes/espai/eng/art/anders0302/anders0302.html>. Acedido em 29 de Junho de 2014.
- Andrade, Pedro (1993). As sonoridades sociais, In *Actas do 2º Congresso Português de Sociologia*, Lisboa, 5-7/2/92, pp. 82-105.
- Idem* (1994). As taticidades sociais: mediações sensitivas de vida e/ou de reflexão? In *Actas do World Leisure Congress 92 'New Routes for Leisure'*. Lisboa, 2-5/6/92, 111- 130.
- Idem* (1995). A negociação do visível: as visibilidades sociais enquanto objecto teórico ilustrativo da Sociologia Interdimensional e Mediadora- I. *Atalaia*, Lisboa, 1/2, 73-93.
- Idem* (1997a). A negociação do visível-II: o tempo das visibilidades sociais e as visões da natureza, *Atalaia*, Lisboa, 3, 143-151.
- Idem* [sob o pseudónimo de André Nietsnie] (1997b). Sociologia do Olhar: um novo olhar sobre a Sociologia? *Atalaia*, Lisboa, 3, 197-201.
- Andrade, Pedro (2011a). *Sociologia Semântico-Lógica da Web 2.0/3.0 na Sociedade da Investigação: Significado e Discurso Quotidianos em Blogues, Wikis, Mundos / Museus Virtuais e Redes Sociais Semântico-Lógicas*. (Coleção Livro Experimental). Lisboa: Edições Caleidoscópio.

Idem (2011b). *Autorias, Leitorias, Actorias: Escrita Comum, Literacias Híbridas e Anti-Vigilância na Web 2.0/3.0*. Lisboa: Edições Caleidoscópio.

Idem (2011c). *Novela GeoNeológica Nº 1: Um Caso de Literatura Transmediática / Primeira Novela da Web 3.0*. (Coleção Livro Experimental). Lisboa: Edições Caleidoscópio.

Atalaia (1), pp. 59-114.

Castells, Manuel (2012). *Networks of Outrage and Hope: Social Movements in the Internet Age*. Polity.

Matuck, Artur (2009). Tecnologias Digitais e o Futuro da Escrita: Uma perspectiva para a informação científica. In Artur Matuck; Jorge António (Ed.), *Artemídia e Cultura Digital* (pp. 290-301). S. Paulo: Musa.

Simmel, Georg (1981). [1908], Essai sur la sociologie des sens. In *Sociologie et Epistémologie* (pp. 223-38). Paris: PUF.

Idem (1964). *Conflict / The Web of Group Affiliation*. Free Press.